

BRUXARIA E COLONIALISMO EM A TEMPESTADE DE SHAKESPEARE

WITCHCRAFT AND COLONIALISM IN *THE TEMPEST* OF SHAKESPEARE

Maria Eduarda de Azevedo Gusmão,
Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Nicole Caroline Lima Ferreira da Silva,
Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Área temática: Linguística, Artes e Letras

Resumo: A obra *A tempestade* de Shakespeare traz a história de Próspero com a visão de colonizador e Caliban como o colonizado, Sicorax, mãe de Caliban, foi banida acusada de bruxaria, e sua história é reprimida. Observamos nessa pesquisa a ligação do colonialismo com a caça às bruxas, notando como esses movimentos são usados para exploração de corpos selvagens e invisibilização desses sujeitos e narrativas femininas.

Palavras-Chave: *A Tempestade ; Bruxaria ; Colonialismo.*

Abstract: *The Tempest* brings a story of Prospero with the view of colonizer and Caliban as the colonized, Sicorax, Caliban's mother, was banned, accused of witchcraft, and her story is repressed. In this research, we observed the link between colonialism and the witch hunt, and how these movements were used to explore wild bodies and make female bodies and stories invisible.

Keywords: *The Tempest; Witchcraft; Colonialism.*

INTRODUÇÃO

A bruxaria foi um fenômeno histórico e político esquecido pelos historiadores por décadas. Assim, abordar a figura feminina e as figuras oprimidas é uma forma de resolver as mazelas que ainda nos afligem. A caça às bruxas foi um movimento pré-capitalista que fortaleceu o absolutismo e diversas outras estruturas. Ao notar os fragmentos que nos restam dessa perseguição, temos como objetivo resolver normativas que marcam a sociedade até os dias de hoje. A análise de um dos maiores gênios da literatura se deu com o objetivo de notar a mentalidade da obra *A Tempestade*, tendo como foco o seu discurso político em torno da bruxaria e do colonialismo.

Toda a cultura e conhecimento centrados nas figuras femininas foi aos poucos destruída em nome das estruturas sociais no poder. As narrativas das vítimas da caça às bruxas por muito tempo foi invisibilizada e desmerecida, como podemos notar na obra de Dworkin e Federici. Anos de conhecimentos passados de mãe para filha precisaram ser rompidos em nome dos movimentos pré-capitalistas, de forma que essas estruturas se favoreceram da falta de conhecimento e controle dos corpos desses sujeitos.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Visto que um dos pontos do nosso projeto é abordar o tratamento que Caliban e a sua mãe, Siorax, recebem na obra *Tempestade* de Shakespeare, gostaríamos de ressaltar alguns pontos que podem ter influenciado nesse tratamento tão desagradável. Para embasar esses pontos usaremos a obra *Mulheres e a caça às bruxas* por Silvia Federici, onde percebemos que a autora trata a caça a bruxas como um movimento político e que essa expressa diversos fatores que contribuíram para essa caça.

Outro ponto de destaque é o tratamento direcionado ao Caliban ou ao homem não-europeu, enquanto aos hereges europeus foi-se construída uma imagem de revolucionários e transgressores das normativas. O papel de intelectual mal compreendido e a frente do seu tempo é perpetuado até os dias atuais, quanto aos não colonizados fica a associação com ao Diabo e de incapaz. Assim, estruturalmente seria justificável o tratamento dado a esses corpos marginalizados, as diferenças salariais na sociedade seriam justificadas pelos aspectos “biológicos”.

A conexão das ‘bruxas’ com a natureza precisou ser interrompida de forma a diminuir sua consciência acerca do movimento de controle que seria imposto e viria a destruir a natureza. Assim, podemos concluir que: “Assim sendo, poder real e a repressão à feitiçaria são aspectos que se complementam e iluminam a história política da Europa monárquica.” (LOPES, 1996, p. 20). Em outras palavras, a história da Europa foi marcada pelo controle dos corpos hereges em nome da política.

O Martelo das Feiticeiras foi um dos grandes responsáveis por justificar a violência, como também justificar a incapacidade intelectual feminina. Como podemos ver em Dworkin: “The Malleus had more currency than the Bible. It was theology, it was law.” (DWORKIN, 1974, p. 129). Assim, a difusão do manual dos inquisidores foi essencial para consolidar o medo e a repressão causadas pela caça às bruxas, de forma que o Estado fosse fortalecido.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

O colonialismo apresenta a ideia de que o colonizador é uma salvação aos nativos “selvagens”, carregando a ideia de salvadores e heróis de um povo bárbaro. Como sabemos, a colonização destruiu boa parte da população nativa de diversos países, como aponta Federici. Podemos perceber a frustração de Caliban quando ele fala que amava o Próspero, quando ele chegou na ilha, Caliban o acolheu, mostrando tudo de melhor da ilha para depois ser tratado como um monstro e ser proibido de usufruir da sua própria terra.

Esta Ilha é minha, pois a herdei de Siorax, minha mãe, e tu a roubaste de mim. Quando aqui chegaste, me acarinhavas, e me tinhas em alta conta; davas-me água com pinhões de cedro; e me ensinavas como nomear as duas grandes Luzes: a maior, que

governa o dia, e a menor, que governa a noite. E eu então te amava, e a ti mostrei todas as virtudes da Ilha, as fontes de água doce, as salinas, os pontos desérticos e as terras férteis. Maldito seja eu, que assim procedi. (SHAKESPEARE, 2002, p. 19)

Podemos perceber que Caliban ser o “dono” da ilha em que vive de nada significa para Próspero. Assim, como os nativos de diversas colônias, os colonizadores não hesitaram em ter “populações inteiras expulsas de suas terras pela força, houve um empobrecimento em grande escala e campanhas de “cristianização” que destruíram a autonomia das pessoas e suas relações comunais.” (FEDERICI, 2017, p. 380). Ou seja, podemos notar o mesmo exercício de controle realizado por Próspero, ao tomar a ilha de Caliban para si e ao destruir a cultura argelina de sua mãe, com a justificativa de que foram bondosos ao lhe ensinar sua língua e seus costumes.

Os colonizadores agem como se ensinar a própria língua, e mudar os pensamentos dos nativos que invadiram fosse um ato de piedade. Entretanto, podemos perceber em *Calibã e a Bruxa* que essa estratégia teve o intuito de silenciar comunidades inteiras, destruir possíveis resistências e instigar o conflito entre os colonizados. Além disso, esse movimento foi também “um meio de desumanização e, como tal, uma forma paradigmática de repressão que servia para justificar a escravidão e o genocídio.” (FEDERICI, 2017, p. 382). Ou seja, podemos concluir que desumanizar os corpos tidos como selvagens foi uma maneira de manter as estruturas colonizadoras.

Escravo abominável, que não se deixa impregnar de nenhuma marca de benevolência, sendo capaz de todas as maldades: tenho pena de ti. A trabalhadeira que me deu, fazerte falar, a cada hora te ensinando uma coisa ou outra, quando nem tu mesmo sabes, selvagem, o que queres dizer. Quando ainda grasnavas, como coisa a mais bruta, facultei palavras aos teus propósitos, o que os tornou compreensíveis. Os de tua raça vil, porém (embora tenhas aprendido), tinham isto neles, essa coisa que os de boa natureza não toleram. (SHAKESPEARE, 2002, p. 20)

Como podemos perceber, a desumanização de Caliban representava a justificativa em suas atitudes, a comparação à uma “raça vil” não era mera coincidência, mas uma forma de controle e de segregação. A exploração representou um papel fundamental na industrialização, o trabalho escravo favoreceu a acumulação e a produção de alimentos como café e açúcar. Assim, podemos perceber que a caça às bruxas como movimento pré-capitalista está necessariamente relacionada ao racismo e ao sexismo. De forma que essa ferramenta utiliza de razões biológicas e religiosas para justificar seu controle e suas perseguições visando unicamente o lucro. Como podemos perceber a partir de Federici:

O capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições incrustadas em suas relações sociais — a promessa de liberdade frente à realidade da coação generalizada, e a promessa de prosperidade frente à realidade de penúria generalizada — difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização. (FEDERICI, 2017, p. 36)

Dessa forma, como poderia Caliban receber outro tratamento quando a opressão já tinha impregnado as relações humanas? Podemos perceber a partir de *Calibã e a Bruxa*, que o tratamento destinado aos corpos selvagens e que fugiam a normativa não era mera coincidência, pois atacar a parte tida como mais frágil de uma cadeia seria mais fácil de manter a exploração. Assim, tanto Caliban quanto Sicorax eram vítimas de um sistema nocivo que se mantinham a partir de uma cadeia de ações. Assim, nos deparamos com os mesmos comportamentos quando Estéfano desdenha de Caliban, como se fosse um ser inferior a ele por destoar de um padrão imposto, vemos que até mesmo o compara a um animal em:

O que temos aqui, um homem, ou um peixe? Vivo ou morto? É peixe, ele fede igual a um peixe; é um fedor de peixe, e fedor muito velho! É uma espécie de... não de um tipo recentemente seco, salgado e curtido, mas de um peixe estranho, exótico. (SHAKESPEARE, 2002, p. 38)

Assim, como já notamos anteriormente, a desumanização das vítimas foi um processo importante na exploração e que construiu a mentalidade do homem colonizador. Dessa forma, podemos notar que a cultura cristã contribuiu para as noções de que os povos colonizados tinham associação ao diabo, que eram canibais, selvagens, essa era uma “prática comum entre as elites européias.” (FEDERICI, 2017, p. 383). A intolerância religiosa proporcionou a justificativa necessária para que as guerras fossem tidas como uma missão de conversão e não uma causa política e monetária.

Assim como notamos no Martelo das Feiticeiras, o crime de bruxaria não é tão brando aos magos quanto às bruxas. A hipocrisia de Próspero não o impede de amaldiçoar ou causar mal a Caliban enquanto afirma que este é uma “semente de bruxa”, desde que seus propósitos sejam atingidos. Podemos perceber através do Martelo das Feiticeiras que os homens têm sido “preservados” de crimes tão hediondos e que Deus “deu-nos, a nós homens, esse privilégio.” (MALLEUS, 2015, p. 99). Assim, notamos que a heresia dos magos não tem o mesmo peso que a das bruxas, visto que as mulheres são condenadas desde suas primeiras palavras e os homens teriam o privilégio divino.

Ao analisar a figura feminina na obra, temos dois extremos: Miranda, que é validada por sua virgindade, e a argelina Sicorax, que nem ao menos aparece por si só. Assim, podemos perceber: “Portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la - fenômeno que conforma a raiz da bruxaria.” (MALLEUS MALEFICARUM, 2015, p. 95). A justificativa de que a própria natureza feminina é perversa e propícia aos erros justificou a morte de milhares de vítimas em nome do capitalismo.

CONCLUSÃO

Assim, podemos notar o assassinato de milhares de mulheres ao longo da História foi suprimido com o objetivo manter as estruturas políticas. A narrativa de Sicorax nem ao menos é destacada ao longo de *A Tempestade*, da mesma forma que a de milhões de mulheres foi apagada com a Inquisição. Como também aponta Federici, por muito tempo os historiadores homens e brancos não deram a devida atenção a essa caçada perseguição.

Entretanto, podemos perceber que o fim da caça às bruxas e da colonização não foi o ponto final dessas estruturas. As mesmas estruturas oprimidas aos poucos passaram a reproduzir sua opressão e, também, “a caça às bruxas contribui para a escalada da violência masculina contra as mulheres.” (FEDERICI, 2019, p. 109). Em outras palavras, analisar *A Tempestade* é tentar impedir que séculos de reprodução social danificados pela Inquisição sejam abandonados.

Nessa obra, podemos perceber o lugar dos sujeitos não brancos e desprovidos de bens, fugindo a narrativa e sem real desenvolvimento na obra. Podemos notar que suas ações estão sempre de alguma forma ligadas aos colonizadores e que suas motivações se baseiam nisto. Da mesma forma que a cultura anterior dos corpos explorados é abandonada e nem ao menos volta à pauta, quando aparece é associada ao diabo e à bruxaria. Vale ressaltar que nem ao menos o tratamento destino a Miranda é de bom tom, visto que seu corpo apenas serve de objeto e ferramenta política.

É possível perceber que o lugar dessas mulheres, e dos corpos que fogem dos padrões da época, é servir. Assim, seus espaços nessa narrativa se mostraram limitados, e principalmente nas próprias decisões políticas, religiosas e culturais. Podemos concluir que a exploração e a reprodução de certos comportamentos está ligada a uma estrutura que ultrapassa a individualidade dos sujeitos. Em outras palavras, a caça às bruxas e o capitalismo sempre utilizarão da exploração dos corpos silenciados como meio de atingir poder, seja através da objetificação ou através do controle direto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DWORKIN, Andrea. *Woman hating*. New York: Dutton, 1974.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. *Mulheres e a caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

KRAMER, Heinrich. *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

LOPES, Marcos Antônio. *O absolutismo: política e sociedade na Europa moderna*. São Paulo: Brasiliense, 1996. MIES, Maria; SHIVA, Vandana. *Ecofeminism with a foreword by Ariel Salleh*, 2014.

SHAKESPEARE, W. *A Tempestade*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.